

O BULLYING E SUAS REPERCUSSÕES NA COMUNIDADE ESCOLAR: O MASSACRE DE REALENGO

Educação da Universidade Federal de Pernambuco Campus Recife

Rebeca Mirelli da Silva¹

Jaileila de Araújo Menezes²

RESUMO

Este artigo evidencia a relação do processo traumático atrelado à prática de violência por meio do bullying, destacando onde e como acontece, além de seus desdobramentos. O bullying é definido por se tratar de agressão verbal ou física, violenta e repetitiva, cuja intenção é intimidar ou maltratar alguém. A pesquisa foi realizada por meio da análise documental de webjornais, com atenção às narrativas sobre o Massacre de Realengo, que pauta a experiência traumática atrelada ao bullying. Trata-se de uma pesquisa de caráter explicativo, uma vez que busca compreender as razões e implicações do bullying dentro da comunidade escolar, onde os resultados apontam para sua negativa relação com o pleno desenvolvimento do indivíduo, uma vez que experiencia o trauma através de tal violência. As matérias jornalísticas demonstraram tratamento diversificado ao ocorrido, com enfoque informativo, ambivalente e banalizador da violência, sustentando a preocupação com a repetição de episódios trágicos que mereceriam uma análise complexa de todas as instâncias sociais.

Palavras chave: violência escolar, massacre de Realengo, trauma, comunidade escolar, mídia jornalística.

1. INTRODUÇÃO

Ao entender o bullying em sua gênese, como ato de violência física ou psicológica,

¹ Concluinte de Pedagogia e autora deste artigo - Centro de Educação - UFPE. Email: rebeca.mirelli@ufpe.br

² Professora do Departamento de Psicologia, Inclusão e Educação - Centro de Educação - UFPE. Email: jaileila.santos@ufpe.br

intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, e praticado por um único indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, objetivando intimidá-la ou agredi-la, é possível relacionar o destaque de Fante (2005) ao apontar maior crescimento da violência em ambiente escolar, apresentada de forma velada e cruel entre grupos que maltratam outros alunos.

É importante destacar que a violência pode ocorrer na modalidade virtual, como o cyberbullying, em que indivíduos à intuito próprio, utilizam-se de ferramentas virtuais — como redes sociais, e-mails e aplicativos para “depreciar, incitar a violência, adulterar fotos e dados pessoais com o intuito de criar meios de constrangimento psicossocial” (Brasil, 2015). Conforme disposto na Lei 13.185/2015 e art. 3º, o bullying se manifesta por meio de um conjunto de ações de cunho verbal, moral, sexual, social, físico, material e psicológico, o que urge prevenção e combate ao implementar ações de discussão e prevenção a fim de trazer solução ao problema junto às autoridades governamentais.

Práticas como essas tornam-se cada vez mais frequentes no espaço escolar, por ser ele o local que constitui o conjunto de atividades responsáveis pela formação dos indivíduos. A escola enquanto entidade formativa, apresenta fatores para questionamento, construção de pensamento, além de fornecer o desenvolvimento de operações concretas, segundo Piaget (1999), o que possibilita ao sujeito, maior inserção e compreensão do mundo ao seu redor.

Há 200 anos atrás, a Revolução Francesa defendia a criação de uma escola laica e gratuita para todos, entendida como um investimento social, essencial para a organização e manutenção da sociedade. Nessa escola seriam transmitidos valores, cultura e conhecimento. Já na modernidade, Durkheim (1978) amplia essa visão ao afirmar que a escola não cumpre apenas a função formativa, mas também exerce papel moral e fundamental para coesão social, função moral e vital à organização da sociedade. O sociólogo argumenta que a escola é responsável por transmitir valores e normas essenciais à estabilidade da sociedade.

Nesse contexto, a influência de Durkheim demonstra que a função da escola é imprescindível na sociedade. Para Gómez (1998), desde os primórdios a espécie humana elabora mecanismos de sobrevivência que são transmitidos às novas gerações. Este processo de aquisição por parte das novas gerações, como também o processo de educação, vai além da socialização, ele humaniza o homem.

Por meio dessas fundamentações, analisa-se o “Massacre de Realengo”, ocorrido na Escola Municipal Tasso da Silveira no ano de 2011, no bairro de Realengo, cidade do Rio de

Janeiro. A escola, como agente formador da cidadania e promotora de valores e atitudes que incentivam a “participação ativa e responsável de todos os cidadãos considerados por direito como iguais” (Pérez Gómez, 1998, p. 20), assume, no específico caso, papel controverso ao esperado. Ademais, em 2023, os casos de violência nas escolas subiram 50% se comparados ao ano anterior, com o registro de mais de 9 mil denúncias por meio do Disque 100, segundo o Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania (MDHC).

Em uma audiência pública no ano de 2023 na Comissão de Educação e Cultura (CE), responsável por analisar propostas relacionadas à educação, foram apresentados dados alarmantes sobre a violência escolar. Mais de 6 milhões de estudantes — cerca de 11% dos quase 60 milhões matriculados — já sofreram algum tipo de violência dentro das escolas. O percentual sobe para 22% quando a pesquisa associa a violência por meio do bullying.

O massacre que chocou o país, teve veiculação massificada pela mídia. Dentre os depoimentos de familiares, colegas e vizinhos, os de jornalistas e psiquiatras tiveram grande repercussão. Ao deixar cartas e vídeos (material que até o momento da redação desse texto encontra-se na *Internet*), Wellington foi diagnosticado com esquizofrenia paranoide (Moraes, 2011), além da fala de uma famosa autora de livros que populariza diagnóstico psiquiátricos, junto ao jornal O Globo, afirmou que: “O Wellington era esquizofrênico, e esquizofrenia é uma doença rara, afeta 1% da população mundial” (Silva, 2011), distanciando-se do que era apontado pela família.

¹ Apesar de seu desequilíbrio, em um discurso aparentemente distorcido, não creio na sua psicose ou perda plena do juízo, como totalmente incapaz de diferenciar realidade de fantasia. Dar um diagnóstico sem tê-lo examinado (ou sem elementos suficientes) seria um chute (Barros, 2011).

Supracitadamente encontra-se opinião de maior relevância a este trabalho, uma vez que os sintomas característicos aos diagnósticos estão ausentes em sua totalidade. A identificação de traços de violência não é fácil, especialmente quando se fala de uma variável multiforme, que se transforma de acordo com a sociedade e os indivíduos que a compõem. No entanto, é possível identificar elementos que constroem uma narrativa cruel. Esta se define como toda ação ou omissão que cause ou visa causar danos à escola, à comunidade escolar ou a algum de seus membros (UNESCO, 2019). Tal manifestação ocorre em diferentes locais, não se limitando ao espaço físico da escola — sala de aula, corredores, quadras, banheiros —, podendo ocorrer também nos entornos da escola, ou ambientes externos ao serem realizados passeios extraclasse, e no ambiente virtual.

Tais observações podem ser compreendidas pelo que Silva (2010) analisou ao afirmar

que a personalidade agressiva contém traços desrespeitosos e maldosos que, na maioria das vezes, estão associadas a um perigoso poder de liderança, geralmente obtido ou legitimado através da força física ou de intenso assédio psicológico. No que se refere às vítimas, Olweus (1993) relata que dentre aspectos marcantes em seu comportamento, se mostram os traços de passividade, tornando-se banal aos casos identificados.

O que aumenta a responsabilidade da comunidade escolar, onde segundo Tristão *et al.* (2021), deve ser um espaço de aprendizado, crescimento pessoal e desenvolvimento social, entretanto, o bullying compromete negativamente esses objetivos. Na contemporaneidade, observa-se uma postura muitas vezes negligente, por parte de órgãos públicos educacionais, em relação a essa problemática, que só ganha destaque na agenda educacional quando situações extremas ocorrem, como casos de suicídio ou homicídio — a exemplo do Massacre de Realengo. Tais eventos evidenciam impactos ao indivíduo enquanto ser social, comprometendo seu desenvolvimento integral.

Por isso, o presente projeto constrói uma linha de investigação que surge da articulação entre vivências e experiências acadêmicas, os quais apontam a necessidade de atenção ao viés da violência relacionada à prática de bullying. Nesse sentido, exige-se um olhar atento não só às violências explícitas, mas também as agressões silenciosas e causadoras de traumas, viabilizadas na comunidade escolar. Ademais, esse trabalho tem como objetivo analisar os impactos emocionais e sociais do bullying, com base no caso “Massacre de Realengo”, em virtude das experiências traumáticas vividas pelo autor ainda em sua adolescência em contexto escolar; investigar como o bullying afeta o ser humano e interfere em seu pleno desenvolvimento; analisar o tratamento dado ao caso pela mídia jornalística; e refletir sobre estratégias de prevenção e enfrentamento ao bullying escolar.

Nesse sentido, é imprescindível compreender que a violência não pode, em nenhuma hipótese, ser vista de forma simplificada — especialmente quando está relacionada ao processo formativo do indivíduo, desenvolvido em um ambiente que deveria proporcionar segurança, bem-estar e experiências enriquecedoras. Levando-nos a questionar: De que maneira a banalização dos casos de bullying podem repercutir em atos de violência extrema e fatal? Essa realidade impõe a necessidade de refletir as transformações sociais, as quais são constantemente construídas e desconstruídas a partir de seus próprios desdobramentos, dentro da comunidade escolar — um espaço que é direito de todo cidadão, em qualquer etapa da vida.

Torna-se, portanto, essencial que essa problemática seja compreendida por familiares, sociedade e docentes, sem abrir margem para o desentendimento e negligência às suas nocivas consequências. Urge mostrar, especificamente, que os impactos do bullying no processo educacional, interfere no bem estar da sociedade, uma vez que os processos traumáticos dão abertura para diferentes formas de violência e impacta o direito fundamental de todo ser humano — o direito à vida — previsto no artigo 5º da Constituição Federal (Brasil, 1988).

2. BULLYING E SEUS EFEITOS TRAUMÁTICOS

Dentro das compreensões antropológicas do ser humano e do mundo, os traumas podem ser interpretados e descritos como experiências do mundo suprassensível, que refere-se ao sentimento de quase morte. Quando desencadeadas por situações semelhantes ao choque, ocorrem de forma avassaladora com controle do Eu, consoante Ribeiro (2024). Na história mais recente, que enfatiza a natureza das lembranças traumáticas e seus impactos, estavam como principal discussão no século XIX, onde surgiam estudos sistemáticos dos problemas mentais (Ribeiro, 2024).

Nessa direção, o conceito de monotrauma como um trauma único, causado por fatores como “acidentes, agressões, intervenções médicas, catástrofes naturais” classificado como o trauma tipo I (Terr,1995 *apud*, Ruf, 2006 p,17). Já o trauma decorrente de relações interpessoais, ocorre quando há negligência por parte daqueles que deveriam oferecer cuidado/proteção, especialmente na primeira infância, ocasionando os casos de abusos, estupros, que podem despertar efeitos graves e até fatais. Segundo Ribeiro (2024), o trauma possui a capacidade de sobrecarregar o sistema nervoso, manifestando-se em diversas repercussões físicas e psíquicas, como taquicardia, crises de ansiedade, depressão, ideações suicidas e ativação de quadros psiquiátricos.

Ademais, é importante estar atento às (também constantes) expressões que surgem de maneira opressiva e silenciosa, cuja tentativa de se camuflar sejam inalcançáveis pois impactam no comportamento e atividades do corpo, que ao longo do tempo demonstrará a existência de algo incomum, sendo ele dentro ou fora da sala de aula, ou em seio familiar. Dan Olweus, em 1973, ao pesquisar o fenômeno do bullying, incentivou a professora Marta Canfield e seus colaboradores a estudar tal problemática no Brasil (FANTE, 2005) .

Tal pesquisa tornou-se importante para a sociedade civil, por demonstrar consequências significativas mediante a prática de intimidação. As vítimas se mostram

indefesas quanto a essa problemática, demonstrando em seu comportamento a baixa autoestima, isolamento, irritabilidade, abandono escolar como também o desenvolvimento do transtorno psiquiátrico e psicossomático que impulsionam o sentimento de retaliação.

O interesse em busca dos desdobramentos do bullying foi expandindo, como aponta Fante (2005) ao mencionar os pesquisadores Israel Figueira e Carlos Neto, que se debruçaram nas escolas municipais do Rio de Janeiro. Já em São Paulo, a pesquisa de Kátia R. Pupo, pela USP, destacou diferenças entre alunos e alunas quanto à tolerância em virtude da prática de intimidação. Sua pesquisa apontou a violência moral (incivilidade ou bullying) no interior do espaço escolar, que se destacam ao notar consequências danosas aos envolvidos.

Dentre os que enfrentam esse fenômeno, é possível notar a baixa autoestima, isolamento social, discriminação, exclusão dos grupos e desenvolvimento de transtornos psiquiátricos, que os encaminham a sentimentos de raiva e desejo de vingança. Diferente do que sente o agressor, que tem como marca a resolução de conflito por intermédio da força e condutas delituosas (Fante, 2005; Olweus, 2004). No contexto do bullying, o enredo se forma assumindo papel de colaboração e “palco” para a violência.

Considerando a constituinte dessa prática, Olweus (1993) aponta como indispensável a delimitação dos papéis assumidos pelo fenômeno dentro da vivência escolar, onde o bullying se constroi frente a vítimas, agressores e testemunhas. Em prática do ato violento, que pode ser passivo ou agressivo, esses podem ser de ambos os sexos. Entre as vítimas, o autor relata três aspectos marcantes dos comportamentos que se mostram como: passivas, típicas, ou as provocadoras e vítimas agressoras.

Quando passiva, e mais comum entre casos, para Silva (2010) mostram-se frágeis, tímidas, ou apresentam “marca(s)” que as destaca da maioria dos alunos em seu físico: são gordinhas ou magras demais, altas ou baixas demais; usam óculos, ou tenham parte do corpo mais destacados como, nariz, orelhas... qualquer coisa que fuja ao padrão imposto por um determinado grupo, pode deflagrar o processo de escolha da vítima ao bullying, sendo estes motivos injustificáveis. Estes padrões podem caracterizar-se como passíveis de bullying, mas não necessariamente acontecerá em virtude disso, podendo existir diferentes contextos.

A vítima provocadora se mostra como a aquela que gera em seus colegas, reações de reprovação contra suas próprias atitudes. Ela também apresenta interações intolerantes, principalmente com aqueles alunos que aparentam ser mais reclusos, além de apresentar

mecanismos ineficientes para lidar com a raiva, a perda e com conflitos, discutindo ou brigando somando o desprezo dos colegas de turma (Olweus, 1993; Beane, 2010).

Ela vai assemelhar-se com a vítima-agressora, por ocupar duas posições no grupo que vivencia o bullying. Ao sofrer agressões, é possível notar sua busca em replicá-lo com outros colegas, como maneira de vingança, onde, de acordo com Neto (2005), a vítima-agressora diferencia-se até mais das vítimas passivas por buscar a popularidade e não a obter, e interliga-se ao alto índice de rejeição entre alguns colegas, por vezes, pela turma toda.

Para Fiorito (2021), os agressores demonstram aspectos de crueldade que não os limita a agir sozinhos, podendo também estar em grupo. Estes tendem a desrespeitar as regras dentro do contexto educacional, onde embora tenham um desempenho regular, costumam apropriar-se de objetos de outros alunos sem permissão ou por meio de intimidação. Além de insultar, provocar, fazer ameaças ou piadas ofensivas que expõem a vítima ao constrangimento e humilhação.

Estes episódios são notados pelas testemunhas, que comportam-se de forma neutra, passiva ou ativa conforme afirma Fiorito (2021). Para os que se mantêm neutros, tais cenas são tidas com indiferença. Já aos passivos, o medo de também ser alvo do bullying os leva ao silêncio e omissão. Por sua vez, os espectadores ativos, de certa forma apoiam os agressores — seja incentivando, seja reforçando as atitudes (Fiorito, 2021).

Os relatos ao mencionarem Wellington, (autor do massacre) foram constantes em apontá-lo como tímido, calado, e sem relações de amizade. Desde a idade escolar até sua vida adulta, os irmãos adotivos, colegas e vizinhos descreveram através de entrevistas que ele estava sempre isolado, ou trancado em casa, o seu padrão de interação social chama atenção, conhecidos diziam que pouco ouviam sua voz. Tais circunstâncias levaram sua mãe a tentativas de tratamento psicológico, relatadas por um dos irmãos: “na própria escola foi pedido que o levasse ao psicólogo. Ele começou a ir, mas aos 18 anos parou”, segundo o jornal O Globo. (O Globo, 2011).

Wellington teve uma vida de início precoce, permeada por dificuldades. Morava com sua mãe adotiva que o acolheu aos 50 anos de idade. Seus irmãos também já eram mais velhos e casados. O falecimento de sua mãe consequentemente o deixou mais sozinho, pois ela era a pessoa com quem mais mantinha vínculo afetivo. Segundo relato de um ex-colega de turma, Wellington foi alvo constante de bullying, recebendo o apelido de “suingue” em razão de mancar de uma perna. O entrevistado destacou que, por ser muito calado, “a galera pegava

muito no pé dele”, acrescentando ainda não compreender como situações dessa natureza não foram identificadas em sua própria turma (O Globo, 2011).

Tipos de intimidação causadas por agressores são registradas em diferentes episódios de violência, destacando-se: diretas (quando os ataques são direcionados ao corpo da vítima), se expressando como violências de cunho físico, lesivos (agressão, espancamento...) ou podendo demonstrar-se de forma verbal, por meio de ameaças, gritos e ofensas. E indireta, visível ao excluir socialmente a vítima, além de utilizar piadas, ironias, gozação, que causam isolamento e afastamento entre os indivíduos (Silva, 2010).

Cabe destacar que, devido às múltiplas formas que o bullying pode assumir, é importante observar tanto o bullying físico/direto, mais sensível, quanto o verbal/direto que por muitas vezes é menos evidente, mas atua de forma psicológica. Durante muito tempo, os estudos investigaram mudanças no comportamento infantil e suas relações sociais e afetivas (Mussen, 1965), buscando “explicar as mudanças da conduta em relação com a idade: descobrir o desenvolvimento que segue a estas mudanças” (Mussen, 1965, p. 2). Nesse contexto, o desenvolvimento humano tem relação com o processo de maturação corporal, que reflete na fisiologia, conduzindo a estágios mais complexos.

Quando se repetem os fatores que afetam negativamente o indivíduo do modo que apresenta-se na prática do bullying, aquele afetado se vê impotente, entorpecido emocionalmente, além de demonstrar comportamentos amedrontados, de terror e raiva que facilitam transtornos mentais de longa duração como definido dentre os aspectos de uma ferida emocional.

Isto causa ao organismo a função de sobrevivência biológica, desencadeando mecanismos de defesa: luta, fuga, paralisia. Neste caso, a paralisia pode ser descrita como bloqueio e arritmia, em situações que a fuga ou a defesa não sejam possíveis. Dentro dessa atividade traumática, os sistemas rítmicos humanos são lesionados, encaminhando a vítima para um processo severo de prisão ao seu passado e dificuldades no desenvolvimento (Ruf, 2006).

Como pioneiros da neurologia e psiquiatria, Jean-Martin, Pierre Janet e Sigmund Freud contribuíram de forma relevante para o pensamento dos impactos das lembranças traumáticas na vida humana. A teoria de Wallon acrescenta o enfoque ao desenvolvimento psíquico da criança, exigindo o estudo integral desse comportamento, incluindo as dimensões motoras, cognitivas e afetivas no meio social em que está inserido. No mesmo sentido,

Wallon, dentro da teoria psicogenética, afirma que o homem é inseparavelmente biológico e social, demonstrando sua vivência diretamente ligada à sociedade e às necessidades do organismo. Segundo ele, “As necessidades do organismo e as exigências sociais são os dois pólos entre os quais se manifesta a atividade do homem” (Wallon, 1975, p. 109) o que infere a necessária criação de condições para que o indivíduo seja bem constituído em sociedade.

Diante disso, Ruf (2006) afirma que essas experiências cercam o meio social de crianças e jovens, que são submetidas a diferentes experiências de violências, sendo elas: abuso, negligências, estupro, tortura, bullying, ou quando são enviesadas por outras experiências como a de catástrofes naturais, emergências médicas, que de acordo com seu impacto e durabilidade terá consequências abrangentes, podendo ser diferentemente classificado como trauma, baseado nas intervenções pedagógicas de emergência, na pedagogia Waldorf, pois em conformidade com Ribeiro (2024), o trauma se constitui por uma experiência neuropsicofísica que causa marcas no corpo, na mente, além de afetar as emoções e o comportamento.

3. PAPEL DA MÍDIA FRENTE AO CASO DE BULLYING

Esta pesquisa direciona-se à discussão do caso denominado Massacre de Realengo, que enfatiza o fenômeno do bullying e os seus desdobramentos com impactos negativos na vida e na comunidade escolar. A partir da análise de reportagens em webjornais: G1 Globo, UOL Notícias, BBC News Online e Folha de São Paulo que narram este fato ocorrido no ano de 2011. Foi possível observar o cunho investigativo e, por vezes, suas formas tendenciosas de narrarem fatores que posicionam o Wellington, (autor do massacre) apenas como criminoso. “Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida.” (G1, 2011).

O jornalismo online tem ganhado cada vez mais espaço na sociedade, que desde os primórdios demonstra sua necessidade de falar e ser compreendida, por meio da apresentação de conteúdos e formas de dispor as informações. Segundo Manuel Castell, em 1999, a chamada “Sociedade em Rede” propõe uma nova estrutura social baseada no informacionismo. Sua noção de rede é o que caracteriza nossa sociedade, englobando a mídia, a cultura, os seres sociais, criando um ambiente aberto a negociações. Com isso, a configuração em rede tem transformado radicalmente a sociedade, o espaço e o tempo [...] no qual a “geografia física não importa, pois qualquer lugar do mundo fica a distância de um clique” (Santaella, 2007, p. 178).

Ou seja, pode-se dizer que essa expansão oferta a todos o acesso às informações e aos conteúdos nele publicados, exigindo atenção à forma como se divulgam. Cabe pontuar que a intencionalidade é inerente à informação, na qual segundo Ziller (2005 *apud* Abreu 2013) mesmo quando o elemento de trabalho ao qual o profissional de informação se refere não é pensado para informar, tal processamento é intencional, pois baseia-se em parâmetros estudados pelo campo com objetivos predeterminados. Nessa perspectiva, serão observados os portais G1, Uol, BBC News e Folha de São Paulo e a maneira que eles informam o fatídico caso.

Na ocasião de análise, o G1 Globo não menciona o jovem pelo seu nome, ao noticiar o Massacre de Realengo ocorrido no ano de 2011, nem tão pouco oferta informações que desenvolvam uma cronologia investigativa a esse respeito. “Um homem de 23 anos entrou em uma escola municipal na Zona Oeste do Rio na manhã desta quinta-feira (7), atirou contra alunos em salas de aula lotadas[...]” (G1, 2011). A ausência de sequência com detalhes do ocorrido, distancia-se da reconstrução para uma notícia factual e imediata. Lage (2004), menciona que a forma como está constituída uma informação jornalística, surge não da necessidade de se prestar um serviço ou de fazer circular assuntos de interesse geral, sua intenção é unicamente atrair o leitor.

Apesar do G1 já ter conhecimento sobre os fatores que se desenvolvem sobre o Massacre, onde em primeiro plano publica: “ex-aluno abre fogo...”, horas depois é divulgado “atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida”, demonstrando sensacionalismo da matéria, ao chamar atenção de forma exagerada, e desrespeitosa quanto aos também familiares de Wellington. Ao espaço de uma semana, informando o ocorrido, todas as 5 matérias utilizam-se do termo “atirador”, o que reduz o indivíduo ao ato e descarta a complexidade de suas motivações.

A mídia assume o papel de veicular os fatos sem considerar as complexidades narradas pela comunidade escolar. Bem como familiares do jovem, um ex-colega de turma relatou: “(...) certa vez no colégio, pegaram Wellington e colocaram de cabeça para baixo dentro da privada e deram descarga.” Além disso, outras pessoas reforçavam a violência e incentivavam as meninas: “vai lá, mexe com ele.” Quando não partia delas próprias: “vamos brincar com ele, vamos sacanear”, passando as mãos nele...(FANTÁSTICO, 2011). Sérgio Cabral, então governador do Estado do Rio de Janeiro, concedeu entrevista à BBC News na qual afirmou: “Vamos aguardar as investigações sobre esse psicopata, de onde veio sua

experiência com armas e as origens da tragédia” (BBC News, 2011), mas pouco foi publicado sobre sua fala.

O psiquiatra forense Barroso (2011) é enfático ao dizer que, ainda que um criminoso seja muito cruel, não deve ser chamado de doente em virtude do seu comportamento, até que seja provado que tal ato foi por sua escolha. A esse respeito, é indispensável a observação ao que fora noticiado, com grande repressão à época, sob a ótica da culpabilização direcionada por rótulos e propagação imparcial aos fatos. Mello (1999) faz críticas a esse tipo de veículo, onde infratores são minimizados aos seus próprios interesses do fato, exibindo aos meios de comunicação as seleções que potencializam a construção de mentalidades discriminantes por seu grande poder de veiculação entre todas as camadas sociais.

Tal desenvolvimento agrava o estímulo de pensamentos reflexivos e críticos, ou ao contrário, ao inibir características concretas. Para Gullo (1998), os meios de comunicação atuam como meios de dominação onde aqueles que veiculam notícias, as fazem de maneira controlada para determinar o enredo construído pela sociedade acerca de determinado fato. Consoante a isso, Rondelli (1998) completa que a mídia brasileira banaliza a violência como também legitima ações policiais de cunho violento e muitas vezes, ilegal. A matéria do (Uol, 2011) pública promoção de “Sargento herói”, após ter atirado em Wellington, para contê-lo no massacre. Ao ato não há intenção de invalidar, mas pontuar como a mídia reforça o cenário de (vilão) ocupado por Wellington e (herói) pelo policial, onde legitimam a força letal como heroica.

Ainda nessa conjuntura, atores externos aos atos contribuem (inconscientemente) para que jornalistas reafirmem fatores, por meio de pronunciamentos condizente com a imagem que desejam construir. Para Rondelli (1998), por meio da língua ou ato comunicável, os veículos de informação constroem representações sociais da violência. Além de camuflarem informações que por vezes podem ser destoantes ao objetivo da matéria. A carta escrita por Wellington foi massificada pela imprensa, com ênfase ao movimento religioso e associações de diferentes origens, onde nela continha também informações a respeito do bullying sofrido, enquanto estudante da Escola Municipal Tasso da Silveira.

Em sua posse, a carta mencionava que: “Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importarem com meus sentimentos” (Pereira, 2012, p. 15), onde tais afirmações só obtiveram foco ao ser reforçadas por relatos de ex-colegas, que

afirmaram com detalhes, episódios de bullying. Nesse contexto aparece a infeliz banalização, já descrita por Hannah Arendt como *banalidade do mal*, em que considerações a esse respeito foram evidenciadas em segundo plano, havendo-se a desqualificação narrativa a natureza subjacente ao massacre.

Por meio disso, a mídia reforça que o filtro realizado ao publicarem as matérias jornalísticas ocorre dentro da delimitação de seus próprios interesses. Os títulos e narrativas construídas, demonstram imparcialidade, onde objetivam direcionar o pensamento e interpretação a respeito dos fatos. Por ter um grande poder em permear todas as camadas sociais, o estigma e culpabilização para determinados fatores são ampliados, em detrimento dos webjornais e do que consideram como fundamental para conhecimento da população. Ademais, tal posicionamento distancia-se do papel informativo, para a produção de sentimentos, em detrimento da violência.

Analogamente, o principal problema enfatizado nesta pesquisa tomou como posição, mera participação coadjuvante. O massacre tornou-se amedrontador para os que tomaram conhecimento e aos que vivenciaram, mas suas origens e precauções estavam distantes do foco midiático. Após 10 anos do fatídico caso, o jornal O Globo (2021) noticia entrevista com Thayane, uma das vítimas do massacre — “Os maiores fatores para o que aconteceu foram o bullying e a falta de segurança nos colégios. E ambos ainda não são tratados da forma como deveriam.” (O Globo, 2021).

3. METODOLOGIA

A presente pesquisa desenvolve-se com base no estudo de caso do Massacre de Realengo, um trágico acontecimento em ambiente escolar, cujas motivações apontam para a prática de bullying como fator desencadeador. O objetivo central é aprofundar a análise desse episódio, considerando suas repercussões iniciais na comunidade escolar. Para isso, são utilizados materiais como reportagens jornalísticas veiculadas na semana do ocorrido, em 2011, publicadas em webjornais como G1, Uol, BBC News, Folha de São Paulo. Trata-se de uma pesquisa de caráter explicativo e documental, com abordagem qualitativa, uma vez que busca identificar e compreender fatores atrelados ao bullying no contexto escolar, tomando como referência o caso específico, o Massacre de Realengo. A análise proposta vai além da simples descrição factual, visando interpretar suas relações e desdobramentos por meio da análise de conteúdo.

Como destaca Severino (2007, p. 123), “a análise de conteúdo visa à interpretação dos significados manifestos e latentes das mensagens, permitindo uma leitura crítica e profunda dos documentos e textos estudados”. Nesse mesmo sentido, Gil (2008, p. 62) complementa ao afirmar que “a pesquisa documental é especialmente útil quando se deseja investigar fenômenos sociais por meio da análise de materiais que não receberam ainda, um tratamento

analítico”. Assim, ao utilizar fontes documentais e reportagens jornalísticas, a presente pesquisa busca extrair elementos relevantes para a compreensão do bullying no ambiente escolar, contextualizando o caso Realengo de forma crítica e fundamentada.

A análise de conteúdo foi a principal técnica metodológica adotada, por permitir uma investigação sistemática, objetiva e qualitativa por meio de fontes jornalísticas. A abordagem mostra-se particularmente eficaz quando o foco da investigação está em compreender construções sociais e discursos em materiais simbólicos. Utiliza-se uma tabela para organizar narrativas de webjornais, sobre o Massacre de Realengo, analisando veículos como: G1 Globo, UOL Notícias, BBC News Online e Folha de São Paulo noticiaram o fato, se retrataram Wellington como vítima ou acusado, e como essas narrativas constroem a imagem social do agressor, contribuindo para a compreensão da repercussão da violência escolar por meio do bullying.

O campo da pesquisa é exclusivamente digital, uma vez que a coleta de dados ocorre por meio da consulta a matérias jornalísticas disponíveis na internet. Essa escolha justifica-se pela ampla disseminação do tema nos meios digitais e pela facilidade de acesso a conteúdos relevantes. Trata-se de uma pesquisa documental, sem a participação de sujeitos humanos, e desenvolvida no período entre junho e julho de 2025. Os materiais foram selecionados com base em sua relevância, confiabilidade e aderência ao problema de pesquisa. O principal instrumento de coleta de dados é a análise documental, com foco na interpretação crítica dos conteúdos selecionados.

5.1 Contextualização do caso

O caso (Massacre de Realengo), se deu pela iniciativa de Wellington, vítima constante de agressões, xingamentos, e deboches dentro da escola. Aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, Wellington chegou a ter a cabeça imersa na privada do banheiro, e a conviver com o sentimento de raiva e desprezo por parte de outros. Anos após ter sofrido uma série de violências, já aos 23 anos ele retorna a escola como “palestrante” na intenção de se vingar daquela instituição que serviu de palco para o trauma vivenciado. No ano de 2010, o ex-aluno Wellington grava um vídeo onde relata sua pretensão com o massacre, narrando também, dias antes do infeliz acontecimento, o que entende-se por violência através do bullying. “Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importarem com meus sentimentos”. O ex aluno tirou sua própria vida, após causar a morte de 10 meninas e 2 meninos. Relatos apontam o transtornos psicológicos como causa principal para o fato mencionado anteriormente, entretanto ficou nítido que o bullying foi o fator motivacional, em decorrência de sua traumática experiência educacional vivida dentro da escola, desencadeando mudanças psicológicas que não foram pontuadas pela família, em seus comportamentos ao longo da vida.

4. ANÁLISE DOS DADOS

4.1 Repertório interpretativo do massacre: posicionamento midiático

Como material semiótico da consciência, Bakhtin (1988) menciona a importância em observar a verbalização como signo social. Tal ferramenta contribui com a ampliação de informações quando pautada por meios de comunicação, assumindo papel relevante na construção da consciência de indivíduos que recebem tais informações, aproximando-se de Leontiev (1978) que menciona a linguagem como essencial à formulação de consciência.

Diante disso, o papel da mídia frente às notícias veiculadas precisam ser cuidadosas, quanto às abordagens sobre a prática de violência. É por meio da influência midiática que a massificação da violência escolar ganha força, segundo Lucinda, Nascimento e Candau (1999). Cotidianamente, os meios de comunicação veiculam ações violentas que atraem a atenção de crianças e jovens, e ao tornarem-se frequentes, acabam sendo banalizadas. Na busca por maior audiência, tais informações são expostas com intuito de prender o leitor, sem grandes responsabilidades de como as narrativas repercutem na vida de outros.

Um dos webjornais analisados nesta pesquisa foi o Uol Notícias, que populariza informações distantes do cunho informativo, mas sensível, que pode causar curiosidade e reprodução da violência por parte de jovens leitores, como observa-se na matéria “Em vídeo, atirador detalha últimos passos antes de massacre.” (Uol, 2011). Consoante a isso, Lucinda, Nascimento e Candau (1999) são unânimes ao reforçar que o viés da violência ganha espaço na mídia, mas não se restringe a ela, adentrando as escolas onde podem-se reproduzir fatores, outrora detalhados.

O tipo de influência mencionado ainda é persistente a outras matérias cujo enfoque foi o massacre promovido por Wellington. “Polícia divulga imagens do atirador de Realengo posando com armas” (Uol, 2011). Além de distanciar-se do papel informativo, cujo conceito é o ato de promover o diálogo com ajuda de especialistas na área, apresentar gráficos e resultados de pesquisas, onde o foco seria o estímulo a análises e discussão das narrativas, pelo leitor (Colégio Geração, 2019). A intenção então, assume o iatrogênico midiático, repercutindo efeitos negativos à sociedade.

Analogamente, Ristum (2001), aponta questões ao tratar a violência e suas possíveis causas. Em uma pesquisa realizada por Cardia (1997), estudantes mencionaram programas televisivos e midiáticos, como meios que contribuem para a violência, sobrepondo-se ao que é vivenciado em seu cotidiano. O que difere-se das narrativas constituídas pelo BBC News, quando observados o mesmo caso. Por sua linha de investigação, é possível identificar que o

texto prioriza a informação dos fatos, sem utilizar-se de linguagem alarmista ou informações com títulos sensacionalistas, para obtenção de rápida audiência.

Ao referir-se ao papel de ambivalência, Ristum e Bastos (2003) comentam atribuições dadas pela mídia a exposições narrativas. De um lado oferecem informações importantes e indispensáveis à população, mas por outro incitam e ensinam a prática violenta. A imprensa detalha fatores que permeiam os casos, promovendo também a sua banalização. Mello (1999) vai complementar o pensamento ao dizer que as pequenas doses diárias desse tipo de veiculação, não tem mais a capacidade de criar impacto aos leitores ou público em geral.

Quanto ao Massacre de Realengo, noticiado até pela mídia internacional (BBC News, 2001), fica evidente que sua banalização foi massificada. Nessa ótica encontram-se veículos informativos como Uol notícias e G1 Globo, cujos fatos foram repetidamente publicados, falhando ao seu aprofundamento e reduzindo o real impacto do caso. Divergindo-se do Folha de São Paulo, onde apesar de também apresentar o fato durante a semana, buscou analisar as circunstâncias, aprofundar a investigação com entrevistas e aborda, quase que exclusivamente, o bullying como fator corroborador do trauma vivenciado por Wellington; “Nos últimos anos, com um certo atraso em relação a outros países, os educadores brasileiros acordaram para os efeitos perversos do bullying.” (Folha de São Paulo, 2011).

O teor informativo-preventivo deve ser foco primordial dos veículos de informação. Dos quatro webjornais analisados, é possível que o Folha de São Paulo seja único ao relacionar a informação a outros apontamentos, buscando ouvir especialistas, sem conter as informações superficiais e irresponsáveis para com os envolvidos. Compartilhando do que Mello (1999) critica, é imperioso que títulos não sirvam como rótulos, sem esclarecer raízes que constroem o episódio ocorrido.

Por tal banalização, a mídia reitera a afirmação de Gullo (1998) que a considera o meio de dominação, mecanismo de controle onde são publicados apenas recortes para direcionar o posicionamento das grandes massas. Ademais, a popularização de conteúdos de cunho violento traz para a sociedade, assuntos de grande potencial prejudicial como trivial e corriqueiro. Dessa forma, os meios de comunicação, além da informação, têm o poder de transformar as percepções que podem interferir nos valores, e comportamentos da sociedade.

4.2 Repercussões na comunidade escolar

Quando webjornais e outros veículos de comunicação assumem o papel informativo acerca dos fenômenos fatais relacionados a violência escolar, toda comunidade enfrenta o medo, e tensão em espaços que ocupam. Ainda que o local cuja proteção e promoção de valores seja indispensável, a escola ao receber indivíduos de diferentes personalidades e comportamentos, torna-se palco para repercussão da intolerância e violência entre estudantes. Após o massacre de 2011, a Escola Tasso da Silveira relembra a importância da inclusão e enfrentamento ao bullying (Fedri, 2009), mas não é unicamente essencial para evitá-lo.

Ao ocorrerem tragédias envolvendo a prática de violência dentro da escola, a mídia torna público quase que instantaneamente os fatos ocorridos. Notícias com essa direção, atingem a comunidade escolar onde uns dividem-se pela desconfiança, impacto emocional e sensação de insegurança. Além disso, é importante mencionar que fatores nesse sentido demonstram fragilidade das políticas públicas, onde segundo Alves (2012), os desastres são produto da falta de gerenciamento.

Desde o episódio envolvendo Realengo, em 2011, outros violentamente semelhantes ocorreram anteriormente e posteriormente a ele. Essas articulações dentro da escola, marcam uma significação histórica e marcada por preconceitos (Souza, 2005). Ao passo que os fatos tomam repercussão, outros que se identificam, sentem-se influenciados a reproduzir o mesmo, o que reafirma discussões supracitadas a respeito de como a mídia deve informar o leitor e consumidor das informações, criando-se uma barreira de prevenção e cuidados para tais veiculações.

Em 2017, um estudante de 14 anos matou dois alunos e feriu outros quatro em uma escola particular em Goiânia. Mediante informações de testemunhas, o autor dos disparos sofreu episódios de bullying. Durante o intervalo na escola, sacou uma arma para desempenhar o que havia planejado (Velasco & Túlio, 2017). Segundo o G1 (2011), na cidade de São Caetano do Sul, região do ABC paulista, um aluno atirou contra a professora e suicidou-se. No ano seguinte, na Paraíba, dois alunos feriram outros três (Resende, 2012).

Além disso, quando a violência deixa uma vítima, esta não é a única a ser lesionada. Indiretamente, outros contextos também são afetados, como o círculo de convivência que a vítima possuía (Schilling, 2016). É por meio disso que a posvenção, conjunto de ações após um episódio traumático, ganha forças para oferecer apoio emocional e prevenir o surgimento de novos casos.

Tais circunstâncias demonstram semelhanças ao serem previamente premeditadas, objetivando não aos indivíduos em si, mas às suas representações. Entre os anos de 2011 e 2019, somam-se sete episódios fatais e similares no país, aponta Fedri (2019), o que reitera o compromisso social ao buscar o comprometimento com os direitos humanos, que servem como ponte para o relacionamento dialógico e acolhedor.

Os canais informativos, por sua vez, precisam assumir papel responsável, realizando cobertura cuidadosa dos acontecimentos, que visa a prevenção e inibe gatilhos aos casos de violência escolar. Nesse viés, a mídia também pode auxiliar quanto a promoção de políticas públicas e orientação que visam alertar sobre possíveis cuidados e formas de resolver divergências, promovendo a cultura de paz.

5. MATERIAL DE ANÁLISE

Tabela - Jornalismo Online: Como os Webjornais narraram o fatídico caso (Massacre de Realengo) durante a semana do ocorrido.

Semana do fato	Matéria divulgada
G1 Globo:	“Ex-aluno abre fogo em escola do Rio e mata 11 crianças.” “Este é o primeiro caso de massacre numa escola ocorrido no Brasil e a imprensa local chegou a compará-lo com a tragédia americana de Columbine, quando dois jovens, de 17 e 18 anos, armados com revólveres e mais de 30 bombas artesanais, abriram fogo num colégio do Colorado, matando 12 alunos e um professor antes de se suicidar. <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2011/04/ex-aluno-abre-fogo-em-escola-do-rio-e-mata-11-criancas.html>
Horas depois:	“Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida.” “...Segundo autoridades, o nome do atirador é Wellington Menezes de Oliveira e ele é ex-aluno da Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, onde foi o ataque.” <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/atirador-entra-em-escola-em-realengo-mata-alunos-e-se-suicida.html>
G1 Globo:	“Veja imagens do dia seguinte à tragédia em Realengo.” “Um atirador entrou em uma escola em Realengo, no Rio de Janeiro, e matou 12 estudantes.” https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/fotos/2011/04/veja-imagens-do-dia-seguinte-tragedia-em-realengo.html
G1 Globo:	“Veja lista de vítimas do tiroteio em escola de Realengo, no Rio” “A Secretaria de Estado de Saúde e Defesa Civil do Rio informou que 12 crianças, 10 meninas e 2 meninos, morreram no ataque a uma escola em Realengo, na Zona Oeste do Rio... Wellington Menezes, de 23 anos, atirou em salas de aula, foi atingido por um policial e, segundo a polícia, suicidou-se em seguida.” <https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/policia-divulga-nome-e-idade-de-oito-vitimas-do-tiroteio-em-escola-do-rio.html>

G1 Globo:	“Como foi a tragédia em Realengo.” “Polícia vai investigar rede de contatos de atirador que matou 12 no Rio. Caso foi na quinta, 7, em escola na Zona Oeste do Rio. Veja reconstituição.” https://g1.globo.com/Tragedia-em-Realengo/noticia/2011/04/como-foi-tragedia-em-realengo.html
UOL Notícias	“O corpo de atirador de Realengo continua no IML do Rio; prazo para retirada pode ser estendido” “Duas semanas depois do massacre em Realengo, o corpo do atirador Wellington Menezes de Oliveira, 23, continua no IML (Instituto Médico Legal) Afrânio Peixoto, no centro do Rio, esperando reconhecimento.” https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/21/corpo-de-atirador-de-realengo-continua-no-iml-do-rio-prazo-para-retirada-pode-ser-estendido.htm
UOL Notícias	“Após conter atirador em Realengo, “Sargento Herói” vai ser promovido pela PM do Rio” “...o sargento Márcio Alexandre Alves, 33, que baleou Wellington Menezes de Oliveira e evitou que o atirador matasse mais crianças na escola Tasso da Silveira, em Realengo, será promovido nesta terça-feira (12) a segundo-sargento por "ato de bravura". Após ser atingido, o criminoso se suicidou com um tiro na cabeça...” https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/11/apos-conter-atirador-em-realengo-sargento-heroi-va-i-ser-promovido-pela-no-rio.htm
UOL Notícias	“Em carta, atirador orienta seu enterro e pede que doem sua casa para entidades que cuidam de animais.” “Na carta encontrada com o atirador que matou 11 crianças na Escola Tasso da Silveira, no Realengo, na manhã desta quinta-feira (7), Wellington Menezes, 24, dá orientações...” https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/07/em-carta-atirador-orienta-seu-enterro-e-pede-que-do-em-sua-casa-para-entidades-que-cuidam-de-animais.htm
UOL Notícias	“Polícia divulga imagens do atirador de Realengo posando com armas” “Foram divulgadas nesta sexta-feira (15), pela Secretaria de Segurança Pública do Rio de Janeiro, sete novas fotos e cinco novos vídeos do atirador da escola de Realengo, Wellington Menezes de Oliveira, 23.” https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/15/policia-divulga-imagens-do-atirador-do-realengo-posando-com-armas.htm
UOL Notícias	“Em vídeo, atirador detalha últimos passos antes de massacre.” “A Secretaria de Segurança do Rio de Janeiro divulgou nesta sexta-feira (15) mais cinco vídeos com discursos de Wellington Menezes de Oliveira, o autor da chacina que matou 12 alunos da escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, zona oeste do Rio, no último dia 7.” https://noticias.uol.com.br/videos/?id=em-video-atirador-detalha-ultimos-passos-antes-de-massacre-04028D983760D8A90326
BBC News	“Mortes no Rio de Janeiro são destaques na imprensa internacional” O incidente na Escola Municipal Tasso da Silveira, no bairro de Realengo, zona oeste do Rio de Janeiro, ganhou destaque em jornais online e canais de TV de vários países. https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110407_escola_rio_press_review_fn
BBC News	“Polícia vai investigar como atirador do realengo obteve armas, diz Cabral” “O governador do Rio, Sérgio Cabral, afirmou que as autoridades do Estado irão investigar como o atirador da escola municipal Tasso da Silveira, em Realengo, na zona oeste da capital, conseguiu o armamento usado para matar ao menos 11 pessoas na manhã desta quinta-feira.” https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110407_cabralepaes_pai
Folha São Paulo	“Ex-aluno entra em colégio, saca armas, atira em estudantes, mata 12 e se suicida.” “Outros 12 São feridos em ataque sem precedentes no país, caso repercute no mundo. “ Vocês vão morrer agora”, gritava o atirador, um jovem tímido e introspectivo de 23 anos.” https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff0804201101.htm

Folha São Paulo	“Polícia prende dupla que vendeu revólver a atirador e tenta traçar caminho da arma.” < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1004201101.htm >
Folha São Paulo	“Casa onde atirador morou é arrombada.” “A casa onde o atirador Wellington Menezes de Oliveira morou até o ano passado em Realengo, zona oeste do Rio, amanheceu ontem com o muro pichado e o portão da garagem arrombado.” “No muro estavam as inscrições "assassino " e "covarde ".” < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1004201103.htm >
Folha São Paulo	“Só bullying não é capaz de explicar o massacre.” “Nos últimos anos, com um certo atraso em relação a outros países, os educadores brasileiros acordaram para os efeitos perversos do bullying. Mesmo assim, ainda estamos atrasados nas políticas de prevenção, que, para darem certo, devem ser constantes, e não episódicas.” < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1004201104.htm >
Folha São Paulo	“Rapaz era "zoad" no colégio, dizem seus ex-colegas” “Tido como esquisito, Wellington Menezes de Oliveira era frequentemente "zoad" na escola, em especial pelas meninas, dizem seus ex-colegas na escola Tasso da Silveira, em Realengo.” “O rapaz quase não tinha amigos e vivia excluído da turma.” < https://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1004201107.htm >

Fonte: Elaborada pela autora

6. DISCUSSÃO

A análise evidencia que a forma como a mídia veiculou os fatos apresenta distância ao demonstrar fatores que desencadearam tais episódios de violência, como a trajetória do trauma vivenciado pelo autor, após a prática do bullying no contexto educacional. Tal abordagem permite inferências a cerca dos veículos informativos cuja análise foi realizada durante os meses de junho e julho do ano de 2025. Ela permitiu constatar narrativas tendenciosas e irresponsáveis quanto aos fatos narrados, e exposição desumana.

Como objeto de análise, o Uol notícias divulga “Corpo de atirador de Realengo continua no IML do Rio; prazo para retirada pode ser estendido”. A abordagem na qual é pautado o título dessa reportagem chama atenção, mas não responde com eficácia a informação factual. A base para tal declaração não se fundamenta a especialistas em legislação sanitária, nem tão pouco a de direitos humanos expressamente previstos como fundamento da República, em seu artigo 1º, em que o valor de todo ser humano independe de sua conduta em vida (Brasil, 1988).

Expressamente na matéria supracitada, vê-se que tal princípio é ignorado até em sua justificativa quanto a narrativa textual, ao mencionar “o prazo pode ser estendido por se tratar de um morto publicamente conhecido” (Uol, 2011) onde o foco é técnico ao repassar dados da Polícia Civil, mas não é humanista podendo mencionar valores éticos, referentes aos direitos individuais de Wellington e de sua família, que também vivenciou o luto. O que banaliza a informação, e deixa lacunas de justificativa e impactos éticos e humanos do indivíduo.

Dado sensacionalismo ainda é evidente ao mencionado no G1 (2011) “Atirador entra em escola em Realengo, mata alunos e se suicida.” Ao longo desta publicação, seu contexto informacional se constitui ao levar o leitor a uma maior curiosidade acerca de sua vida íntima do autor do massacre, com associações ao estigma preconceituoso sobre o HIV. Mesmo que indiretamente, é possível que leitores relacionem a condição de saúde à prática delituosa. “O subprefeito da Zona Oeste, Edmar Teixeira, afirmou que Wellington Menezes deixou uma carta em que contava ser portador do vírus HIV. Segundo a Polícia Militar, ele era ex-aluno. Posteriormente, a íntegra da carta foi divulgada, e não havia menção a HIV.” (G1, 2011), abrindo margem para o efeito *fake news* cuja informação é desmentida, mas não editada.

Mediante o exposto, é possível relacionar ao que Schilling (2016 *apud* Fedri 2023) menciona sobre as vítimas indiretas ao caso. Todos sofrem após o crime, e a mídia tem papel fundamental nesse entrave. A maneira como são expostos os cenários factuais e falas como a do Subprefeito Edmar Teixeira G1 (2011), reafirmam cuidados necessários a tais fundamentações. As Políticas públicas, ainda que necessárias ao cuidado social, se mantêm insuficientes por não considerar as vítimas indiretas, nestas situações. (Schilling, 2016).

A esse respeito, é fundamental para a comunidade escolar que a construção de programas intervencionistas sejam instituídos. De acordo com Alves (2012 *apud* Fedri 2023), o luto é uma experiência única, singular, cujo tempo de superação é particular ao indivíduo, exigindo reorganização dos planos diante da ausência do ente querido. Nesse sentido, casos como o aqui abordado demonstram que atividades escolares precisam ser planejadas para mudar vivências traumáticas em oportunidades de diálogo. Kovács (2012 *apud* Fedri 2023), observa que temas como os de morte, tem difícil abordagem junto à comunidade escolar, mas reforça que a escola, enquanto espaço de socialização, deve promover processos de resignificação e que previnam o sofrimento.

Ademais, a instituição escolar constitui-se no epicentro de um conjunto de atividades que, ao acontecerem de forma contínua e metódica, serão responsáveis pela formação inicial dos discentes. É essencial que profissionais da educação estejam atentos às manifestações de luto e impactos psicológicos, reconhecendo as responsabilidades desse processo. É preciso que pesquisas e práticas pedagógicas sejam efetivas ao esclarecimento e articulação para prevenção, resultando em projetos de conscientização. Tais ações devem ultrapassar o mínimo estabelecido nas diretrizes curriculares evitando reduzir o tema a um processo mero e natural.

Outrossim, duas das dezessete matérias analisadas destacam diferentes aspectos sobre a escola e seu reflexo no episódio de violência. O G1 (2011) caracteriza o massacre como o primeiro ocorrido em uma escola no Brasil, comparando-o à tragédia americana de

Columbine, em que dois jovens armados e mais de 30 bombas artesanais mataram 12 alunos e um professor antes de cometerem suicídio. A reportagem enfatiza o caráter inédito do caso no país e a gravidade de um evento semelhante conhecido internacionalmente. Apesar do impacto emocional gerado, não aborda como a comunidade escolar lidará com os desdobramentos.

Divergindo-se da segunda matéria veiculada pelo Uol (2011) cuja narrativa remonta a rotina escolar, tomada por Tasso da Silveira, em Realengo. Mediante *link* entre matérias observadas, essa foi encontrada já distanciando-se no lapso temporal de semanas após o ocorrido. Outras também surgiam para ampliar as análises, mas em decorrência do tempo, não encontravam-se mais disponíveis para leitura. A materialidade observada é constituída por informações pertinentes e de amplitude informacional, que busca exibir o trabalho desempenhado pela comunidade escolar e a importância de diminuir os impactos. Matérias em contexto geral, pouco enfatizam o mecanismo de posvenção, trazendo reafirmações ao que já foi exposto neste trabalho, cujos objetivos são pautados pelo sensacionalismo e foco na audiência da matéria, sem pontuar desdobramentos positivos para reparo de danos evidenciados.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das análises de reportagens atreladas ao estudo de caso, ficou claro como os indivíduos podem ser negativamente impactados por uma experiência traumática, neste caso, a violência por meio do bullying, na comunidade escolar. Tais fundamentações nos direcionam a observar além das violências explícitas, mas também aos seus tipos como os de forma silenciosa, que não causam feridas no corpo, mas na alma, através do trauma.

Quanto às experiências educacionais negativas, Almeida (2010) menciona atuações importantes, transferidas por Wallon, a serem observadas. Em primeira análise, está a atuação da escola ao se dirigir de maneira completa, oferecendo os meios de desenvolvimento para as dimensões afetivas, cognitivas e motoras de crianças. Em segunda análise, a escola também deve ser capaz de reconhecer as necessidades e capacidades dos pequenos inseridos nela, e a terceira é a ênfase de que o espaço escolar é o meio físico e social com fundamental importância para a criação de novas possibilidades e consequentemente resolução de desafios ali inferidos.

Observa-se que o trauma sofrido pelo autor do Massacre de Realengo (Wellington Menezes) não foi observado na escola, enquanto aluno. Os fatos aos quais se reverberaram a violência, foram cercados de negligências que impactaram diretamente as ações de um

indivíduo. Wallon (2008) destaca a afetividade como uma dimensão relacional e dinâmica, essencial para o desenvolvimento integral do sujeito e para a constituição da personalidade. O que por sua vez, estavam distantes do contexto escolar ao qual Wellington vivia. “Muitas vezes aconteceu comigo de ser agredido por um grupo, e todos os que estavam por perto debochavam, se divertiam com as humilhações que eu sofria, sem se importarem com meus sentimentos” mencionou ele, antes de tirar sua vida, após trágico massacre, em Realengo, Rio de Janeiro.

Ademais, cenários como esse foram amplamente discutidos pela mídia, onde constatou-se pouca responsabilidade quanto ao cunho informativo, uma vez que palavras e títulos presentes nas matérias, mostravam-se sensacionalistas e reducionistas. Os fatos eram expostos como detalhes de como ocorreu, e exibição de conteúdo para intensificar o relato de violência. Tal construção distancia-se da proposta jornalística informativa, cujo objetivo central era permeado de intencionalidade para maior audiência e repercussão.

Nessa conjuntura, papéis que seriam fundamentais para o conhecimento da população como o bullying e suas causas, estiveram distantes das narrativas construídas por três dos quatro webjornais analisados. Wallon (1975, p. 109) menciona que “As necessidades do organismo e as exigências sociais são os dois pólos entre os quais se manifesta a atividade do homem”, inferindo-se a necessária condição aos inseridos na sociedade, de compreenderem e se posicionarem diante das problemáticas que afetam o meio social e coletivo. Objetivando a formação crítica dos leitores, como também o papel preventivo ao enfrentamento da violência.

É fundamental que a mídia jornalística busque não só a notícia, mas também a investigação minuciosa dos fatos e ações concretas para políticas de prevenção, em suas narrações. As escolas, por sua vez, precisam trazer à prática, projetos voltados à conscientização, superando o mínimo apresentado pelas diretrizes curriculares. Sendo esta, pauta de fundamental importância para que o bullying não seja visto como simples fator inerente ao ambiente escolar, comum a todos em determinada fase da vida, pois essa posição negligência os riscos e nocivos desdobramentos de cunho letal.

Além disso, estudos e pesquisas que apontam essa problemática, podem contribuir para reduzir a fragmentação da informação, uma vez que os espaços sociais e comunidade escolar estariam cada vez mais acobertados pelo conhecimento. Para além da compreensão, é preciso que futuros docentes vivenciem na prática a dimensão discursiva a respeito do bullying inerente ao espaço educacional. Unindo-se também a ampliação da informação onde

as mídias terão respaldo para noticiar conscientemente aquilo que a sociedade já tem conhecimento. Uma vez que a escola se une a famílias e comunidades, é possível proporcionar considerações fundamentais, articulando a teoria e prática como determinantes para minimizar fatores negativos.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Pablo Olímpio Vieira. **Entre a possibilidade e a interação: estudo de caso de webjornais brasileiros e portugueses**. 2013. UFJF, 2013.

ASSIS, Letícia Alexandra de; OLIVEIRA, Guilherme Saramago de; SANTOS, Anderson Oramisio. **As contribuições da teoria de Henri Wallon para a educação**. Cadernos da FUCAMP, v. 21, n. 52, p. 60–75, set. 2022. Acesso em: 30 mar. 2025.

Bakhtin, M. (1988). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: HUCITEC. 4a edição.

BARROS, D. **O massacre de Wellington e a psiquiatria forense**. O Estado de S. Paulo, 10 set. 2010. Disponível em: https://www.estadao.com.br/emails/daniel-martins-de-barros/o-massacre-de-wellington-e-a-psiquiatria-forense/?srsltid=AfmBOorahFf17f8jIA6Y9WgH2cMxqsPiKL-IBBMZkJaI7o2Ik_imzN8N. Acesso em: 07 ago. 2025.

BBC NEWS BRASIL. **Polícia vai investigar como atirador do Realengo obteve armas, diz Cabral**. BBC News Brasil, 7 abr. 2011. Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2011/04/110407_cabralepaes_pai. Acesso em: 8 ago. 2025.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 1988.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre a proteção integral à criança e ao adolescente. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 16 jul. 1990. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em: 25 mar. 2025.

CARDIA, N. **A violência urbana e a escola**. Contemporaneidade e Educação, II (2), 26-69, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. 8. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1).

COLÉGIO GERAÇÃO. **Literatura: Gêneros jornalísticos**. Disponível em: <https://www.colegiogeracao.com.br/wp-content/uploads/2019/05/Literatura-Gêneros-Jornalísticos2.pdf>. Acesso em: 8 ago. 2025.

DURKHEIM, E. **Educação e sociologia**. 7. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

FANTÁSTICO. **Fantástico revela nova carta deixada por Wellington e nela ele usa o bullying para justificar mortes**. 2011. Disponível em:

<http://vcartigosnoticias.blogspot.com/2011/04/fantastico-revela-nova-carta-deixada.html>. Acesso em: 20 jul. 2025.

FANTE, Cleo. **Bullying em debate**. São Paulo: Paulinas, 2015.

FANTE, Cleo. Fenômeno Bullying. **Como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. Campinas, SP: Versus, 2005.

FEDRI, Bruno Cervilieri. **Tiros na escola: algumas referências para a Psicologia na assistência à comunidade escolar**. Revista Psicologia: Ciência e Profissão, Brasília, v. 43, 2023.

FIORITO, Camilla. **Quem são os personagens do bullying**. Blog Camilla Fiorito, 19 out. 2021. G1. **Ex-aluno abre fogo em escola do Rio e mata 11 crianças**. G1, 7 abr. 2011. Acesso em: 6 ago. 2025.

GULLO, A. de A.; S., [inicial ou sobrenome do segundo autor, se houver]. Violência urbana – um problema social. **Tempo Social: Revista de Sociologia da USP**, São Paulo, v. 10, n. 1, p. 105-119, 1998.

INSTITUTO FEDERAL DA PARAÍBA. **Violência Escolar: Conhecer para Prevenir**. João Pessoa: IFPB, ago. 2021. Acesso em: 22 jul. 2025.

LUCINDA, M. da C.; NASCIMENTO, M. das G.; CANDAU, V. M. **Escola e a violência**. Rio de Janeiro, 1999.

MELLO, S. L. **A violência urbana e a exclusão dos jovens**. In: SAWAIA, B. (Org.). *As Artimanhas da Exclusão – Análise Psicossocial e Ética da Desigualdade Social*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

MORAES, T. de. **Psiquiatra analisa vídeos e define Wellington como ‘esquizofrênico’**. Bom dia Brasil. Disponível em: <https://g1.globo.com/bom-dia-brasil/noticia/2011/04/psiquiatra-analisa-videos-e-define-wellington-como-esquizofrenico.html>. Acesso em: 05 ago. 2025.

O GLOBO. **Dez anos após o massacre de Realengo, escolas municipais ainda não têm controle de acesso**. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/dez-anos-apos-massacre-de-realengo-escolas-municipais-ainda-nao-tem-controle-de-acesso-1-24965685>. Acesso em: 08 ago. 2025.

O GLOBO. **Wellington Menezes era vítima de ‘bullying nos tempos da escola’**. Rio de Janeiro, 8 abr. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/wellington-menezes-era-vitima-de-bullying-nos-tempos-da-escola-2798927>. Acesso em: 5 jun. 2025.

OLWEUS, D. **Conductas de acoso y amenaza entre escolares**. 2. ed. Madrid: Ediciones Morata, 2004.

PEGOLO, P.; CAVALCANTI, L.; MAZO, S. **Efeitos a longo prazo do bullying e do transtorno de estresse pós-traumático**. Biblioteca Científica Eletrônica Online, SP, abril de 2013. Acesso em: 03 abr. 2025.

PEREIRA, K. K. **Consequências e implicações do bullying nos envolvidos e no ambiente escolar.** Revista Eletrônica de Ciências Jurídicas, Ipatinga, MG, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2012.

RIBEIRO, Ediane. **Os tesouros que deixamos pelo caminho: como aprender a lidar com nossos traumas pode nos lançar em um resgate da própria potência.** São Paulo: Paidós, 2024.

RISTUM, M. **O conceito de violência de professores de ensino fundamental.** Tese (Doutorado) – FAGED, Universidade Federal da Bahia, 2001.

RISTUM, Marilena; BASTOS, Ana Cecília de Sousa. **A violência urbana e o papel da mídia na concepção de professoras do ensino fundamental.** Paidéia, 2003.

RONDELLI, E. **Imagens da violência – práticas discursivas.** Tempo Social - Revista de Sociologia da USP, 10(2), 145-157, 1998.

RUF, Bernd. **Destroços e Traumas: Embasamentos Antroposóficos para Intervenções com a Pedagogia da Emergência.** São Paulo: Antroposófica, 2014.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** São Paulo: Paulus, 2007.

SILVA, A. B. B. **Existe hoje na internet um submundo da maldade.** O Globo, Rio de Janeiro, 03 nov. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/psiquiatra-diz-que-comunidades-virtuais-influenciaram-atirador-que-matou-12-em-escola-de-realengo-2795058>. Acesso em: 07 ago. 2025.

SILVA, Ivandra Johanna de Carvalho. **Reflexões da Psicologia do Desenvolvimento Infantil.** Revista Ibero-americana de Humanidades, Ciências e Educação, v. 8, n. 11, p. 220–233, nov. 2022. Acesso em: 03 abr. 2025.

TRISTÃO, Laura Aparecida et al. **Bullying e cyberbullying: intervenções realizadas no contexto escolar.** Revista de Psicologia, Lima, v. 40, n. 2, p. 1047-1073, jul. 2022.

UOL NOTÍCIAS. **Após conter atirador em Realengo, “sargento herói” vai ser promovido pela PM no Rio.** UOL Notícias, 11 abr. 2011. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2011/04/11/apos-conter-atirador-em-realengo-sargento-heroi-vai-ser-promovido-pela-no-rio.htm>. Acesso em: 07 ago. 2025.

WALLON, Henri. **A evolução psicológica da criança.** São Paulo: Martins Fontes, 1975.

WALLON, Henri. **Do ato ao pensamento:** ensaio de psicologia comparada. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2008.